

---

# A INTERPRETAÇÃO NA IGREJA ADVENTISTA BRASILEIRA DA TEOLOGIA ECUMÊNICA CONCILIAR: o Vaticano II e o ecumenismo nas páginas da *Revista Adventista* (1962-1965)

*THE INTERPRETATION IN THE BRAZILIAN ADVENTIST CHURCH  
OF THE ECUMENICAL CONCILIAR THEOLOGY:*

*the Vatican II and the ecumenism in the pages of the Revista Adventista (1962-1965)*

**Kevin Willian Kossar Furtado\***

## RESUMO

A história da imprensa adventista brasileira começa com a publicação, em 1904, do primeiro periódico impresso em língua portuguesa da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), *O arauto da verdade* – surgimento que alguns estudiosos da história do adventismo no Brasil acreditam ocorrer em 1900. Em 1906, surge a então chamada *Revista Trimensal*, hoje, *Revista Adventista*, nome adotado em março de 1931. Na capa, ela passou a ser identificada como *órgão oficial* da Igreja brasileira dos adventistas do sétimo dia, designação que continuou até 1974. Considerada *órgão geral* da denominação em terras brasileiras desde 1975, a *Revista Adventista* tem por objetivo central noticiar os acontecimentos mais significativos do meio adventista e do cristianismo no Brasil e no mundo. A publicação conta com um acervo digital disponível na internet que abriga, na íntegra, todos os números do periódico, desde a sua primeira edição, em 1906 – de onde parte a pesquisa de fontes e análises expostas no presente texto, que aborda como a revista reportou a teologia ecumênica conciliar. Foram analisadas nove edições, publicadas entre 1962 e 1965 – os anos de realização de concílio –, em que os termos *Concílio Vaticano II*– e correlatos – e *ecumenismo* são encontrados. A pesquisa se justifica pelo ineditismo de uma investigação sobre a interpretação do concílio por um órgão da Igreja Adventista brasileira. O exame dos materiais selecionados foi realizado a partir dos conceitos de memória, condições de produção, paráfrase e polissemia da análise do discurso.

**Palavras-chave:** Concílio Vaticano II. Ecumenismo. Revista Adventista. Igreja Adventista do Sétimo Dia.

## ABSTRACT

*The history of the Brazilian adventist press begins with the publication, in 1904, of the first periodical printed in Portuguese of the Seventh-day Adventist Church, O arauto da verdade – emergence that some scholars of the history of adventism in Brazil believe to occur in 1900. In 1906, comes up the so-called Revista Trimensal, now called the Revista Adventista, name adopted in March 1931. On the cover, it was identified as the ‘official organ’ of the Brazilian Church of seventh-day adventists, designation that continued until 1974. Considered ‘general organ’ of the denomination in Brazilian lands since 1975, the Revista Adventista’s main objective is to report on the most significant events in the adventist world and Christianity in Brazil and in the world.*

---

\* Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestre em Ciências Sociais Aplicadas e bacharel em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Editor associado da *Caminhos de Diálogo - Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso*. Atua como professor substituto do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – código de financiamento 001. E-mail: kevin@aol.com.br

The publication has a digital collection available on the Internet, which contains all the issues of the periodical, since its first edition in 1906 – from which the research of sources and analyzes exposed in the present text comes, that approaches how the magazine reported conciliar ecumenical theology. Nine editions, published between 1962 and 1965, where the terms 'Second Vatican Council' – and correlates – and 'ecumenism' are found, were analysed. The research is justified by the novelty of an investigation into the interpretation of the council by an organ of the Brazilian Adventist Church. The exam of the selected materials was performed from the concepts of memory, production conditions, paraphrase and polysemy of discourse analysis.

**Keywords:** Second Vatican Council. Ecumenism. Revista Adventista. Seventh-day Adventist Church.

## 1 INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

A interpretação do Concílio Vaticano II pela Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) no Brasil ainda não foi investigada.<sup>2</sup> O ineditismo deste trabalho está em abordar como o órgão geral informativo dos adventistas brasileiros, a *Revista Adventista*, periódico de caráter teológico-doutrinário-jornalístico<sup>3</sup>, reportou a teologia ecumênica conciliar. O objetivo deste trabalho se constitui em analisar como a *Revista Adventista* noticiou o Vaticano II. A análise se concentrou em nove edições, limitadas aos anos de realização do concílio, de 1962 a 1965, em que os termos *Concílio Vaticano II* – e correlatos – e *ecumenismo* foram encontrados. O exame dos materiais selecionados foi realizado a partir dos conceitos de memória discursiva, condições de produção, polissemia e paráfrase da análise do discurso.

Na perspectiva da análise do discurso francesa, a memória discursiva se constitui na base semântica de um discurso e seu funcionamento ocorre por meio da repetição de enunciados que criam uma regularidade discursiva, a qual recorre a significados a partir dos implícitos, pré-construídos fixados nas séries enunciativas (PÊCHEUX, 1999). As condições de produção compreendem os sujeitos e as situações e incluem, em sentido estrito, as circunstâncias da enunciação, o contexto imediato; e em sentido amplo, o contexto sócio-histórico, ideológico, além do imaginário gerado pelas instituições sobre o já-dito e a memória (ORLANDI, 2009).

<sup>1</sup> Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no *Congresso Internacional – Recuperando la historia del ecumenismo en América Latina y el Caribe*, promovido e realizado na Pontifícia Universidade Católica do Chile, em abril de 2017.

<sup>2</sup> Obras sobre lideranças protestantes que acompanharam o Concílio Vaticano II e obras que colaboram na contextualização histórica da emergência do concílio e suas relações com os protestantes de modo geral: Karrer (1963), Baraúna (1965), Congar (1984), Wicks (1984), Montes (1987), Zak (2014), Calvani (2015) e Melo (2015).

<sup>3</sup> Para acessar o periódico atual, ver nas referências: *Revista Adventista*, 2019.

Entende-se a paráfrase como um processo em que em todo dito, há algo que se mantém, se repete; o dizível, a memória, representando um retorno aos mesmos espaços do dizer. Elaboram-se variadas formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está para a estabilização, ao contrário da polissemia, em que há o deslocamento, o rompimento de processos de significação e construções que se diferenciam daquelas postas pelo enunciado. Entre paráfrase e polissemia trabalha-se constantemente o dizer. O discurso se constrói na tensão entre o mesmo e o diferente. Ainda que, toda vez que se fale, produzam-se alterações na estrutura de filiação dos sentidos, falam-se palavras já ditas. Na interação entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, o já dito e o que irá se dizer, os sujeitos e os sentidos movimentam-se, realizam seus percursos e se significam (ORLANDI, 2009).

No trabalho de análise, uma leitura flutuante perpassou por todos os números publicados pela *Revista Adventista* no período de realização do concílio (de outubro de 1962 a dezembro de 1965). Foram escolhidos os documentos a serem observados com base no objetivo central do trabalho: analisar como o periódico reportou o Concílio Vaticano II e o ecumenismo. O corpus de análise formou-se de todos os textos que faziam menção aos temas. O presente trabalho faz uma análise exploratória, ou seja, destaca como a *Revista Adventista* noticiou e opinou sobre o ecumenismo e o Concílio Vaticano II no período de sua realização.

## **2 A REVISTA ADVENTISTA NO BRASIL**

Os primeiros conversos ao adventismo no Brasil, em 1884, entraram em contato com a mensagem da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) através de um pacote de revistas impressas em alemão. Na década de 1890, foi o trabalho da colportagem<sup>4</sup> que fez conhecidas as crenças da Igreja Adventista nos estados de São Paulo e do Espírito Santo. No início do século XX começa a história da imprensa adventista brasileira, com a publicação, em 1904, do primeiro periódico impresso em língua portuguesa da IASD, *O arauto da verdade*. Os autores De Benedicto e Borges (2006, p. 8) indicam como ano de surgimento d'*O arauto*, 1900. E, em 1906 – num momento em que o número de adventistas no Brasil era de 1.212 (DE BENEDICTO; BORGES, 2006, p. 8) –, surge a então

---

<sup>4</sup> No caso adventista, trabalho de divulgação e venda de literatura denominacional.

chamada *Revista Trimensal*, hoje, *Revista Adventista* (SCHEFFEL, 2006, p. 17). O nome *Revista Trimensal* estava errado e deveria ser, na verdade, *Revista Trimestral*, uma vez que as edições eram publicadas de três em três meses e não três vezes ao mês (DE BENEDICTO; BORGES, 2006, p. 9).

A *Revista Adventista* passou por várias transformações ao longo dos seus mais de 100 anos de história. Nos primórdios da publicação, os recursos eram poucos e a revista possuía apenas 12 páginas, maioria ocupada pelas lições da Escola Sabatina<sup>5</sup> – as sete finais, mais precisamente, que traziam a lição do primeiro trimestre de 1906 (LESSA, 2006, p. 2) –, que deixa de constar no periódico em 1908, quando ele passa a se chamar *Revista Mensal*, confeccionado com oito páginas e publicada mensalmente. Em 1918, amplia-se o formato para 16 páginas. Em março de 1931 surge o nome *Revista Adventista*. Na capa, ela passou a ser identificada como “[...] *orgam official* da Igreja Brasileira dos Adventistas do Setimo Dia’. A designação de ‘órgão oficial’ continuou até 1974. No ano seguinte, tornou-se ‘órgão geral’ da Igreja.” (SCHEFFEL, 2006, p. 17). Em 1931, cada edição da revista contava com 32 páginas, e chegou a ter 48, em 1977. Desde então, a média de páginas por número ficou em 40, com 15 destinadas para notícias. A partir de 1997 passou a ser impressa totalmente em cores (DE BENEDICTO; BORGES, 2006, p. 9).

Scheffel (2006, p. 17) aponta que por mais de 40 anos a revista se manteve numa fase chamada literária, composta por seriados de reportagens, poemas e artigos longos, em que os autores buscavam evidenciar erudição, em uma linguagem muitas vezes preciosista. “Nas primeiras três décadas, as ‘notícias’ consistiam basicamente de relatos pessoais, enviados pelos missionários espalhados pelo país. Não havia uma seção específica para notícias, o que só vai ocorrer em meados da década de 1970” (DE BENEDICTO; BORGES, 2006, p. 11).

Nos anos 1970 o periódico entra em sua fase jornalística. Dos editores se cobra a formação superior em Comunicação. Destaca-se do momento a criação da seção *Jornal*, em dezembro de 1974, que publicava notícias “mais ágeis, concisas e objetivas” (SCHEFFEL, 2006, p. 17), visto ser encerrada apenas 15 dias antes da circulação da revista. Antes, os acontecimentos noticiados eram feitos com, no mínimo, três meses de atraso. Além disso, os editores passaram a se deslocar e, dentro das possibilidades, cobrir os fatos *in loco*. Sobre os principais objetivos da *Revista Adventista*, Scheffel (2006, p. 17) pontua que “ela não é uma publicação aberta para o livre debate de [ideias. A revista] tem uma

<sup>5</sup> “A lição compõe-se de estudo constante das crenças fundamentais da Igreja Adventista, em um tema central por trimestre, dividido em 13 subtemas, um por semana” (FURTADO, 2017, p. 15).

linha de sustentação doutrinária e não pode abrir espaço para suscitar dúvidas e controvérsias. Procura servir a Igreja toda, e não apenas a um segmento.” Portanto, as condições de produção discursiva na *Revista Adventista* inscrevem-se na manutenção dos sentidos doutrinários e simbólicos dos temas por ela abordados, em consonância com o pensamento teológico adventista.

A última reforma gráfico-editorial da revista ocorreu em janeiro de 2015. Para além da versão impressa, a publicação conta com um acervo digital<sup>6</sup> que abriga, na íntegra, todas as edições do periódico, desde a sua primeira, de 1906. A atualização na biblioteca virtual costuma ocorrer por volta de três a quatro meses após a publicação da versão impressa.

Para Rubens Lessa, redator-chefe com mais tempo frente à revista – entre abril de 1976 a janeiro de 1982, e de abril de 1985 até maio de 2014 –, um dos principais objetivos da publicação se constitui em “contribuir para a unidade da [IASD], fortalecer a vida espiritual dos leitores, ampliar-lhes o conhecimento doutrinário e teológico e defender a igreja das distorções doutrinárias e teológicas que aumentam assustadoramente” (DE BENEDICTO; BORGES, 2006, p. 10).

### **3 O CONCÍLIO VATICANO II E O ECUMENISMO NA REVISTA ADVENTISTA**

Em um recorte situado entre outubro de 1962 e dezembro de 1965, período de realização do Vaticano II, verifica-se como a *Revista Adventista* reportou em suas páginas os termos *Concílio Vaticano II* e *ecumenismo*. A pesquisa foi efetuada no acervo digital do periódico. Foram encontradas, no período analisado, menções ao Vaticano II em oito edições e ao ecumenismo em uma, entre os meses de janeiro de 1963 a julho de 1965. Em ordem cronológica, indica-se, primeiro, as citações ao Concílio Vaticano II e, na sequência, ao ecumenismo.

---

<sup>6</sup> Ver nas referências: *Revista Adventista*, 2019.

A primeira menção ao concílio aparece no editorial da edição de janeiro de 1963, intitulado *Concílio Vaticano II* e assinado por Luiz Waldvogel, que faz um resgate, resumido, dos 21 concílios anteriores da Igreja e expressa que tratar sobre o Vaticano II “é repetir coisas já lidas e conhecidas de todos”, visto que “a imprensa diária e periódica há muito vem dando ao acontecimento a mais completa cobertura”. Todavia, o editorial declara que “sempre será interessante avivar alguns pormenores relacionados com [ele]” (WALDVOGEL, 1963, p. 2), após a sumária apresentação sintetizada dos concílios anteriores. O texto não apresenta as referências/fontes usadas na síntese histórica dos “fatos principais” (WALDVOGEL, 1963, p. 2) dos concílios prévios.

O Concílio Vaticano II, aponta o editorial – não informando a fonte da citação direta apresentada na sequência –, objetiva “revigorar a fé dos católicos e preparar a união de todos os cristãos” (WALDVOGEL, 1963, p. 3). O texto trata também das atividades executadas pelas 12 comissões do concílio e informa de duas correntes de participantes: uma liberal, que defendia reformas amplas, como a abolição do uso da batina e do celibato e a defesa da celebração da missa no idioma de cada país; e outra conservadora, combatente das propostas de mudanças consideradas radicais.

Outro ponto tratado refere-se à permissão dada para que igrejas não católicas enviassem representantes-observadores do concílio. O texto menciona que anglicanos, luteranos, presbiterianos, congregacionalistas, metodistas, quakers, entre outros, enviaram observadores. O editorial não menciona se a IASD recebeu convite para mandar representantes. Dentre os participantes brasileiros no concílio, o texto destaca a visão do escritor católico Alceu Amoroso Lima – conhecido pelo pseudônimo de Tristão de Ataíde:

O próximo concílio vai ser mais uma tentativa de refazer a unidade perdida. Mas não esperemos que o realize. As divisões foram tão profundas, que só muito lentamente se conseguirá remover os obstáculos que se antepõem à unidade. É fato, no entanto, que essa unidade, como disse expressamente o papa, é o primeiro objetivo do concílio: unidade, antes de tudo, dentro da Igreja católica, e além disso, a procura da unidade com os irmãos separados, outras confissões religiosas e todos os homens de boa vontade. (WALDVOGEL, 1963, p. 3).

O editorial argumenta que possivelmente o concílio não alcançaria “depressa” os resultados que dele se esperam, visto que não havia “perfeita união de vistas entre os participantes” (WALDVOGEL, 1963, p. 33). Mas aponta não existirem dúvidas que os

resultados do concílio ultrapassariam “em muito o que [dele] julgam os espíritos céticos ou mesmo tardios” (WALDVOGEL, 1963, p. 337).

Em uma tensão entre paráfrase e polissemia, embora a compreensão profética adventista ateste uma iminente união de igrejas, movimenta-se o sentido discursivo para uma interpretação cautelosa dos objetivos do Vaticano II como tentativa – e não certeza – de restauração, lenta, da unidade cristã.

O então redator da *Revista Adventista* e autor do editorial, em referência à fala de Amoroso Lima, acima exposta, relaciona o tema da união das igrejas que seria discutido no concílio com a interpretação das profecias bíblicas feitas pelos adventistas, que enxergam na Igreja católica uma influência e poder de liderança mundial no que considera como os últimos tempos da história do mundo. Não obstante a incerteza quanto às possibilidades de união dos cristãos a partir das decisões do Vaticano II, mantém-se a expressão e convicção teológica sedimentada na história adventista do papel da Igreja Católica para a consecução da unidade cristã.

Se, por exemplo, Amoroso Lima acha que [o concílio] não conseguirá “refazer a unidade perdida”, ou “só muito lentamente se conseguirá remover os obstáculos que se antepõem à unidade”, é possível que [ele] tenha em vista uma unidade ou união total, perfeita e completa. Não nos parece, entretanto, necessária uma união assim integral, para que a Igreja possa assumir a influência e poder de que fala a profecia. (WALDVOGEL, 1963, p. 33).

Mesmo entendendo o Vaticano II como sinal profético indicante do fim do mundo, em acordo com a memória discursiva da teologia adventista, Waldvogel termina o editorial com cautela, ao orientar os leitores a observarem com atenção os desdobramentos do concílio, rompendo com o processo de significação colocado pela memória do discurso denominacional.

Sem querer tirar conclusões precipitadas, mas cuidando muito para não acompanhar o [coro] traiçoeiro dos que dizem “meu Senhor tarde virá”, compete-nos, com espírito confiante e devoto, vigiar o desenrolar dos acontecimentos — e [esse] desenrolar vem-se tornando mais e mais rápido — e atentar como nunca dantes para o conselho divino: “Prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus!” (WALDVOGEL, 1963, p. 33).

---

<sup>7</sup> A paginação de alguns editoriais e reportagens da revista não está em sequência, mas prosseguem ao fim da edição da revista.

A interpretação feita pela *Revista Adventista* apresenta a memória discursiva, o aspecto mais geral da compreensão teológica adventista sobre o significado da união das igrejas. Para a IASD, a união das igrejas protestantes com a Igreja Católica Romana indica a proximidade do fim do mundo (WHITE, 2008, p. 141).

O *Concílio Vaticano II: clima de unificação*, texto de autoria não identificada – que indicaremos como da *Redação* – da edição de junho de 1963, começa ressaltando que a

[...] unificação das igrejas é assunto a que se atribui grande importância [...] no concílio ecumênico. Coisa alguma, relacionada com este concílio, tem possuído tanto a imaginação dos homens de todo o mundo, como a perspectiva de melhores relações entre as várias confissões religiosas, e a possibilidade da unificação católico-protestante. (REDAÇÃO, 1963, p. 10).

O texto destaca que João XXIII fez da promoção em prol da unidade o principal objetivo de seu pontificado, e reproduz duas falas do papa a respeito de seu alvo, pronunciadas em ocasiões diferentes – uma na encíclica de abertura do concílio, onde declarou que a união das igrejas “está muito especialmente em meu coração”; e outra em um retiro de sacerdotes, onde expressou que não se pretendia “instituir um tribunal histórico. Não queremos mostrar quem tinha razão e quem não a tinha. A responsabilidade encontra-se dividida. Desejamos apenas dizer: reunamo-nos, ponhamos fim às divisões.” (REDAÇÃO, 1963, p. 10).

Há um método identificado de ação para que se chegasse à unidade. Antes de tudo, se fazia necessária uma aproximação, depois, uma conciliação dos pontos de vista para, por fim, se concretizar a união. A Igreja Católica, informa o texto, “não espera conseguir a união no futuro muito próximo, mas uma reaproximação, que porá os alicerces para subsequentes progressos no caminho rumo do alvo final – a união orgânica.” (REDAÇÃO, 1963, p. 10). Acionada da memória discursiva da teologia adventista a compreensão de que, embora pareça simpática às demais confissões cristãs, a Igreja Católica não muda quanto ao seu propósito de conquista. Para tanto, usa de estratégias, como a aproximação e conciliação, para disfarçar seu intento final. Observa-se novamente a tensão entre paráfrase e polissemia do discurso, pois, embora tidos como certos, os esforços católicos em prol da união orgânica podem – e parecem vir a – tardar.

O tom do artigo é de surpresa com o tratamento que os emissários não católicos receberam durante o concílio, lembrando que fora a primeira vez que representantes oficiais de igrejas não católicas foram recebidos pelo papa num concílio que, inclusive, a

eles se dirigiu como *chers messieurs*. Já o cardeal Augustin Bea, reporta-se, então presidente do Secretariado Vaticano para a União dos Cristãos, a eles se referiu como “caros irmãos em Cristo”. O texto expõe que os representantes-observadores de outras igrejas foram tratados com “notável cortesia” (REDAÇÃO, 1963, p. 10) e transmite as impressões de pessoas com quem conversou o autor a respeito da receptividade do papa aos participantes não católicos.

Um representante da Aliança Mundial Presbiteriana, que não quis se identificar, se mostrou otimista com as relações estabelecidas entre a Igreja Reformada Francesa e os católicos, e informou que em “várias cidades realizam-se reuniões conjuntas de membros leigos, sacerdotes católicos e [pastores] protestantes. Os católicos na França estão redescobrando a doutrina luterana da justificação pela fé.” (REDAÇÃO, 1963, p. 10). O prior de Taizé, Roger Schutz, um dos entrevistados para o artigo, disse que dez pastores e 40 leigos da comunidade tomaram votos monacais e de pobreza, castidade e obediência, com vistas à consagração de vida em prol da unidade católico-protestante. A admiração pelos gestos católicos de acolhida marca uma ruptura com os processos de significação históricos do adventismo que identificam a concretização do desejo da Igreja Católica pela unidade não no convívio e no diálogo, mas por meio de imposições aos demais cristãos e pela autoridade papal.

Ao fim do artigo, o autor insere o tema da unidade cristã na perspectiva da interpretação profética adventista, e sugere que a aproximação católica com outras igrejas se constitui em mera estratégia para propagar a fé católica, minar as demais confissões que se colocarem em diálogo e conquistar cristãos para o catolicismo.

Como se pode ver, temos andado bom caminho desde o tempo em que Martinho Lutero foi oficialmente excomungado, e declarado instrumento de Satanás, ao passo que [ele], por sua vez, via no papa o anticristo. Há mesmo, hoje, um segmento do catolicismo, dirigido pelo [padre] Louis Bouyer, que aprova as “positivas preocupações da Reforma”, porém afirma que esses aspectos positivos no futuro hão de “prosperar melhor dentro do romanismo do que fora.” Sim, uma nova brisa está soprando, tanto ao oriente como ao ocidente de Roma. Terá havido uma substancial mudança no catolicismo, como acreditam alguns teólogos protestantes, ou se trata apenas de uma “aproximação”, ou “estratégia”? Sugere um escritor francês [o pastor adventista Bert B. Beach]: “Lisonjeando o protestantismo e cumulando de elogios seus mais influentes representantes, [a Igreja Católica] pretende miná-lo no interior, [...] progressivamente, sem que [ele] o note.” Uma coisa é certa: o novo clima de benignidade e benevolência deve ser olhado à luz da declaração do supremo pontífice, de que o objetivo do concílio é “promover a propagação da fé católica”. (REDAÇÃO, 1963, p. 11).

Ainda que pela conciliação e aproximação, o significado pré-construído pela teologia adventista de toda ação católica quando do contato com outros cristãos está para reconquista de sua hegemonia no cristianismo.

Os artigos *Significativa declaração do Concílio Vaticano II*, assinado por Daniel Hammerly Dupuis, e *A reforma do calendário e a Igreja Católica*, de Bert B. Beach, das edições de março e de junho de 1964, respectivamente, tratam da reforma do calendário gregoriano proposta para discussão no Vaticano II, e a tensão – para os adventistas – em torno do número de dias de trabalho durante a semana que poderia ser alterado e sobre a santificação do domingo pela Igreja Católica.

A crítica dos adventistas exposta no texto de Dupuis (1964, p. 2-3) está no entendimento de que a proposta quebrava o ciclo semanal, estabelecido por Deus na criação, e criava dificuldades para os observadores do sábado ao redor do mundo. Dupuis (1964, p. 3) finaliza dizendo que o assunto não recebeu grande repercussão na imprensa. Beach (1964, p. 3), por sua vez, esclarece em seu artigo o que era fato e o que era boato a respeito da mudança do calendário. Para ele, a maioria das igrejas se opunha e não se interessava pelas propostas de alteração.

Toda discussão teológica católica que envolve o dia de observância adventista, o sábado, gera o temor da Igreja Adventista da concretização de perseguição a seus membros. O caso de uma proposta de alteração do calendário fez os adventistas elaborarem formulações de um dizer já sedimentado em sua teologia: uma mudança no calendário acarretaria impedimentos na adoração e guarda de um mandamento divino. Ao mesmo tempo, há um deslocamento do processo de significação ao se ressaltar a pouca repercussão e desinteresse na proposição.

*Nova atitude em relação à Bíblia*, artigo de Gustavo G. Tobler para a edição de novembro de 1964, de início, descreve os sentimentos expectantes quanto aos alcances do concílio e as indagações sobre seu futuro:

O papa João XXIII escancarou portas e janelas da Igreja Católica e agora lufada após lufada penetra a vetusta construção. Uma “brisa renovadora” areja todos os cantos e nichos. A estrutura da Igreja range e estala, pois envida esforços inauditos para se adaptar às situações cambiantes do mundo. Muitos leigos, assim como clérigos, se enchem de temores, ao passo que outros olham ao futuro tomados de grande alegria. Todos, porém, perguntam entre si: Que virá? Para onde nos levará a nau? (TOBLER, 1964, p. 11).

O foco do texto se ocupa do que chama de “radical transformação” (TOBLER, 1964, p. 11) na atitude oficial da Igreja em relação à leitura da Bíblia e sua difusão, e lembra que o papa Pio VII, em 1816, condenou as sociedades bíblicas, e que quatro de seus sucessores foram contrários à propagação da Bíblia, ao passo que, nos últimos 50 anos, fundaram-se sociedades bíblicas católicas propagadoras das Escrituras e a leitura bíblica passou a ser estimulada nos púlpitos católicos. O autor reproduz uma fala de João XXIII ao *L'Osservatore Romano* (edição de 24 de fevereiro de 1963) em que o papa, sobre a leitura da Bíblia, diz: “O desconhecimento da Bíblia é hoje para todo católico que se preza [...] indesculpável.” (TOBLER, 1964, p. 11)

Tobler faz menção a um texto do padre Norris publicado no *Monitor*, publicação da arquidiocese de São Francisco, nos Estados Unidos, em que o sacerdote diz que tanto os clérigos, como os fiéis, “devem apropriar-se de uma nova atitude, que muitos consideram radical, em relação à Santa Escritura, seu lugar no culto divino e na vida da Igreja.” (TOBLER, 1964, p. 11).

Para Tobler, sacerdotes e leigos estavam empenhados em introduzir a Bíblia entre o povo católico, não apenas nos países majoritariamente protestantes, mas também nos totalmente católicos. Tobler (1964, p. 11-12) faz uso de outra notícia do *Monitor* (de 8 de fevereiro de 1963) para expressar a mudança dos católicos no tocante ao uso da Bíblia:

Todo lar católico deve possuir a Bíblia, e esta deve ser lida diariamente, disse o bispo Pablo Gurpide, de Bilbao, em sua carta pastoral. Disse mais ser uma vergonha que os protestantes sejam tão familiarizados com a Escritura Sagrada, ao passo que os católicos a consideram como ‘terreno proibido, ou reservado, que só pode ser penetrado mediante licença’. (TOBLER, 1964, p. 11-12)

A revista (TOBLER, 1964, p. 12) ressalta a alteração da postura dos católicos ante a Bíblia como um movimento importante que deve ser valorizado por todos os cristãos – seja de origem católica ou protestante –, e que todo o esforço em disseminar o acesso e leitura da Bíblia deve ser apoiado. Considera, também, que é a ação do Espírito de Deus que move os homens a introduzir a Bíblia em todos os lares, que desemboca em reforma e despertamento. “Não há dúvida de que católicos e protestantes contribuem para, mediante a propagação da Bíblia, realizar entre todos os homens uma reforma e despertamento, que deixará muito na sombra todos os movimentos espirituais anteriores da História.” (TOBLER, 1964, p. 12).

Embora tenha expressado ressalvas, até então, a todas as propostas levantadas pelo concílio, a revista louva o estímulo à leitura bíblica, por se coadunar com a memória discursiva adventista que, desde sempre, exaltou as Escrituras como principal fonte de sua teologia por conduzir os cristãos ao conhecimento pleno da verdade divina e produzir reavivamento espiritual.

A instituição dos diáconos – reestruturação e retomada do diaconato como ministério – na Igreja Católica a partir da terceira fase do Vaticano II é o tema central do artigo de Anísio Chagas, *É chegado o tempo dos diáconos*, para a edição de maio de 1965 da *Revista Adventista*.

Após tratar do estabelecimento do trabalho diaconal na Igreja dos primeiros apóstolos, Chagas (1965) considera que a Igreja Católica havia despertado para o assunto. O autor descreve os “poderes” outorgados ao diaconato: “o diácono católico romano apesar de não poder celebrar missa, pode todavia: batizar, dar comunhão, fazer o trabalho de catequese, assistir os doentes, ajudar nas missas solenes, explicar a missa para a congregação, assistir o matrimônio, officiar as exéquias, liderar as equipes de casais etc.” (CHAGAS, 1965, p. 7)

Para o autor, a instituição dos diáconos se constituía em motivo de alegria para os católicos. “Estão felizes os católicos romanos! Vai chover diáconos nas paróquias, freguesias e dioceses! Estão prevendo para o Brasil dentro em breve uma falange de 10 a 20 mil diáconos de mãos dadas com cerca de [dois] mil padres espalhados pelas paróquias.” (CHAGAS, 1965, p. 7).

Chagas recorre aos escritos do espírito de profecia adventista<sup>8</sup> para apontar a ação da Igreja Católica com a instituição dos diáconos como sinal de seus esforços para aumentar seu poder e alcance sob o mundo. A citação abaixo está no texto de Chagas:

As igrejas protestantes estão em grandes trevas, pois do contrário discerniriam os sinais dos tempos. São de grande alcance os planos e modos de operar da Igreja de Roma. Emprega todo expediente para estender a influência e aumentar o poderio, preparando-se para um conflito feroz e decidido a fim de readquirir o domínio do mundo, restabelecer a perseguição e desfazer tudo que o protestantismo fez. (WHITE, 2013, p. 493).

---

<sup>8</sup> Diz a teologia adventista: “Um dos dons do Espírito Santo é a profecia. Esse dom é uma característica da igreja remanescente e [...] foi manifestado no ministério de Ellen G. White. Seus escritos falam com autoridade profética e proveem consolo, orientação, instrução e correção para a igreja.” (ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, 2016, p. 276).

O autor provoca os leitores – afirmando que atravessamos um período profético representante do fim dos tempos – a despertarem e agirem ante a “arregimentação” (CHAGAS, 1965, p. 33) católica por meio da instituição dos diáconos:

Quando há esta elaboração de planos para arregimentação dos leigos da parte dos que militam contra a verdade, o que faremos nós? Cruzaremos os braços numa contemplação passiva dos acontecimentos sem tomar nossa posição, ou lutaremos de corpo e alma em defesa do evangelho eterno? (CHAGAS, 1965, p. 33).

A memória discursiva adventista demarca que a Igreja Católica envidará em tudo que for possível para retomar sua proeminência no cristianismo. A instituição do diaconato seria mais uma das estratégias de conquista católica. Retorna-se aos mesmos espaços de dizer profético dos adventistas sobre a necessidade de seus membros ficarem alertas ante os acontecimentos em curso, vigiar e discernir os sinais que apontam para o cumprimento das profecias e o fim da história do mundo.

Em *Será possível a união com Roma?*, da edição de junho de 1965 da *Revista Adventista*, J. E. da Costa Rodrigues defende a necessidade de se distinguir entre possibilidade de realização e possibilidade ética referente à união das igrejas, uma das pautas do Concílio Vaticano II. O autor transcreve dois textos do espírito de profecia que apontam para o propósito de união da Igreja Católica com outros grupos eclesiais com a finalidade de exercer soberania sobre outras igrejas – conforme a interpretação profética adventista.

Os textos de Ellen G. White – considerada profetisa pela Igreja Adventista – reproduzidos no artigo seguem na sequência: “Quando o protestantismo estender os braços através do abismo, a fim de dar uma mão ao poder romano [...] podemos saber que é chegado o tempo das operações maravilhosas de Satanás e que o fim está próximo.” (WHITE, 2008, p. 141). A união entre as igrejas, para os adventistas, é vista como ação maligna. “Os protestantes dos Estados Unidos [...] estender-se-ão por sobre o abismo para dar mãos ao poder romano.” (WHITE, 2013, p. 513).

Toda a análise efetuada nos textos da *Revista Adventista* que abordaram o Vaticano II obedeceu a memória discursiva pré-estabelecida na interpretação profética adventista; em todo dito algo se mantém: não há renovação na Igreja Católica; ela não muda. Todas suas propostas e ações são estratégias que concorrem com os mandamentos divinos.

Rodrigues (1965, p. 11) pontua que há uma impossibilidade moral a qualquer tipo de aproximação entre católicos e reformados, a não ser que aqueles, humildemente, aceitem o que os adventistas consideram ser a verdade na perspectiva bíblica.

Só compreendemos e aceitamos uma aproximação que tenha por base uma humilde aceitação da verdade, tal como se encontra revelada nas Sagradas Escrituras, fonte primária da revelação. Ora, não é isto que Roma pretende. Ela [...] abre os braços e convida os filhos pródigos [...] a regressarem submissos e arrependidos ao lar materno! Essa atitude é bem clara em numerosas declarações oficiosas de importantes personalidades do clero romano. (RODRIGUES, 1965, p. 11).

Assim avaliada a proposição católica pela união das igrejas, os adventistas entendem sê-la “inconcebível para os cristãos que defendem as doutrinas evangélicas das Escrituras Sagradas.” (RODRIGUES, 1965, p. 11). Rodrigues recorre a uma fala de Karl Barth – referido como *o maior teólogo protestante* da época – retirada de uma edição de 1962 da *Christianity Today* para expressar o sentimento adventista em relação aos esforços pela unidade empreendidos pelos católicos:

Na minha maneira de ver, o maior obstáculo à aproximação entre a Igreja reformada e a Igreja Católica, é uma pequenina palavra que a Igreja romana acrescenta após cada uma das nossas afirmações: a palavra *e*. Quando nós dizemos Jesus, os católicos dizem Jesus *e* Maria. Nós procuramos obedecer a Cristo como nosso único Senhor; os católicos obedecem a Cristo *e* ao seu representante na Terra, o papa. Nós acreditamos que os cristãos são salvos pelos méritos de Jesus Cristo; os católicos acrescentam ‘*e* pelos seus próprios méritos’, isto é, pelas suas obras. Nós cremos que a única fonte de revelação é a Escritura; os católicos acrescentam “*e* a tradição”. Nós dizemos que o conhecimento de Deus é obtido pela fé na Sua Palavra, como está expressa nas Escrituras; os católicos acrescentam “*e* pela razão”. (RODRIGUES, 1965, p. 11).

O deslocamento do discurso ao expressar a possibilidade de uma aproximação com os católicos caso estes se alinhem à compreensão teológica protestante sobre a verdade bíblica marca tensão com a considerada impossibilidade a qualquer tipo de união entre católicos e protestantes ressaltada em todo processo de significação da análise do concílio exposta ao longo do período analisado.

Bert B. Beach escreve, em *A Igreja e o mundo*, para a edição de julho de 1965 da *Revista Adventista*, que o termo *diálogo* se apresentava como a palavra-chave da década no vocabulário religioso, graças ao Concílio Vaticano II, em que a Igreja Católica, para além de expressar oficialmente sua vontade de dialogar com outras igrejas cristãs e religiões, como o judaísmo e o islamismo. Para cumprir tais objetivos, informa a

publicação, foram criados dois secretariados especiais. E com o “longamente esperado” Esquema 13 – resultante na constituição pastoral *Gaudium et spes* (CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 2013) –, a Igreja entrava em diálogo com o mundo contemporâneo (BEACH, 1965, p. 3).

Para Beach (1965, p. 3), o Esquema 13 “acentua a tradicional filosofia cristã da história, e considera o fluxo do desenvolvimento histórico como obra do Espírito Santo.”. Após descrever a estrutura do documento, o autor afirma que, no passado,

[...] os concílios ecumênicos referiam-se apenas à cristandade, supondo que os ouvintes ou eram adeptos leais ou filhos e filhas rebeldes. Temos agora um documento conciliar que tenta falar a todos os homens. [...] A Igreja vivia fora do mundo habitado pelos homens, um tanto cega ou surda às realidades práticas da vida. No Esquema 13, procura ela escapar de seu cárcere do *status quo*, e aventurar-se no mais perigoso, porém mais significativo caminho de contínua adaptação às mudáveis realidades do desenvolvimento histórico. Em outras palavras, Roma aspira agora a sair do passado e viver no presente. (BEACH, 1965, p. 3).

Em uma aparente contradição entre paráfrase e polissemia no discurso adventista, parece haver um afastamento de qualquer crítica – e avalia-se positiva – na produção de um documento que se propõe ao diálogo com as tendências da sociedade. No entanto, depois de Beach (1965, p. 4) constatar que, pela primeira vez na história dos concílios católicos, atenta-se para os problemas sociais do gênero humano, faz sutis críticas ao evangelho social, o humanismo e o evolucionismo que julga presentes no Esquema 13:

Muitos centralizam-se na desigualdade, na família e na segurança mental e material. A opressão oriunda da desesperada busca das elementares necessidades materiais, é considerada pelos autores do Esquema 13 como o maior obstáculo para alcançar valores mais elevados. [...] o evangelho social está evidentemente ocupando um plano superior. O pecado é considerado não tanto uma questão de deficiência moral mas, sim, uma violação da justiça social. Há uma permuta de ênfase da preparação de homens ao Céu, para a ajuda no sentido de erigirem o mundo terrenal do amanhã. É fácil de compreender porque as forças conservadoras do segundo concílio do Vaticano labutaram desesperadamente para evitar que o Esquema 13 se tornasse uma realidade. Conquanto esta nova “teologia” católica “do mundo” esteja ainda na infância, já se evidencia basear-se não somente no humanismo mas também na evolução. O Esquema 13 aceita a evolução, pelo menos por inferência, como o solo sobre que edificar o reino de Deus. O presente esboço declara explicitamente que a natureza humana ó resultado de evolução durante inumerável período de anos. (BEACH, 1965, p. 4).

Após a tensão discursiva entre paráfrase e polissemia, torna-se à regularidade discursiva, em uma formulação variada do mesmo dizer já sedimentado pelos adventistas:

ao se concentrar nos problemas humanos em uma dimensão apenas terrena, na lógica do evangelho social, o documento estaria esquecendo de considerar os dilemas da vida em perspectiva bíblica, negando-a, inclusive, através do humanismo e na aceitação da evolução.

Para Beach, não basta apenas querer combater a pobreza com palavras. Toda a riqueza observada nas igrejas católicas, diz o autor, não serve como estímulo para ajudar os pobres do mundo. Ele se refere a bispos que entendem que uma das primeiras ações necessárias para se lembrar dos pobres está em abandonar – partindo da hierarquia católica – os “títulos, [as] vestimentas ostentosas e caras e [...] tudo o mais que tem laivos de riqueza e triunfalismo. Os bispos fariam bem em descer silenciosamente de seus tronos, mudar-se de seus palácios e desfazer-se de seus ornamentos” (BEACH, 1965, p. 5).

Na conclusão, Beach elabora críticas mais incisivas ao Esquema 13, cuja principal objeção se encontra no que chama de “subjacente filosofia humanístico-evolucionista” (BEACH, 1965, p. 5) do que se tornaria, depois, a *Gaudium et spes* <sup>9</sup>:

Dá-se tanta ênfase acabrunhadora à civilização contemporânea, que é obliterado o objetivo final da salvação. Não resta dúvida de que as exigências do mundo atual devem ser encaradas com seriedade, e que os cristãos têm de prestar positiva contribuição para a sociedade e civilização humana; contudo, a cidade terreal é tão-somente um vestíbulo conduzindo para a cidade celestial. Isto é realçado teoricamente no Esquema, mas seu impacto global e sua filosofia básica militam contra o divino plano da salvação. A escatologia não é um mecanismo de escape, mas uma transfiguração. A terra prometida do cristão não é o Esquema 13, como o chama o padre Ives Congar, porém a Nova Terra. Os cristãos devem manter isto em mente, e contemplar a sociedade humana sob o aspecto desta transformação final. A esperança do mundo está em Cristo e Seu aparecimento, não numa igreja — uma espécie de Cristo institucionalizado que julga poder solucionar os infortúnios e as necessidades do mundo. (BEACH, 1965, p. 34).

Em consonância com a estabilização discursiva observada no conjunto dos artigos avaliados que tratam do Vaticano II, agregando outras formulações críticas – aqui, à pompa episcopal e o realce das questões terrenas que afligem a humanidade somente em perspectiva secular – a *Revista Adventista* considera que as ações do concílio objetivam uma reconquista, uma nova catolicização do mundo. Com esta interpretação da ação da Igreja Católica no mundo, Beach assim termina o texto:

[...] durante a Idade Escura a Igreja e a sociedade secular constituíam um mundo católico-romano. Isto foi seguido por uma época de dualidade, com a Igreja Católica de um lado e o

---

<sup>9</sup> Ver nas referências: Concílio Ecumênico Vaticano II, 2013.

mundo secular de outro. Agora, com o Esquema 13, está sendo dado incentivo a uma nova fase em que ela espera reparar a brecha e catolizar o mundo. Nesse sentido, o segundo concílio do Vaticano mais parece ser um ponto de partida, cuja influência crescerá nos anos por vir, do que um ponto de chegada. (BEACH, 1965, p. 34).

Aciona-se a base semântica do discurso adventista na repetição de seus pressupostos proféticos: a Igreja Católica busca recuperar seu prestígio e influência em uma nova tentativa de execução do que sempre intentou: o domínio sobre os demais cristãos, partido, agora, de um documento conciliar.

Encontramos citação explícita ao termo *ecumenismo* em uma única edição no período analisado. Em *Um só rebanho e um só pastor*, no número de abril de 1965, Ajax W. Silveira interpreta que os esforços de João XXIII para o estudo da união entre as igrejas durante o Concílio Vaticano II formou “raízes profundas [...] levando-nos bem perto do marco final da história” (SILVEIRA, 1965, p. 9) do mundo, dado que os adventistas entendem que o ecumenismo se apresenta como sinal negativo do fim dos tempos do mundo – conforme já exposto por meio de citações do espírito de profecia adventista. Ao que antes se tinha como dúvida, agora, aparece como confirmação da memória discursiva e profética adventista: o Vaticano II criou as bases necessárias para consecução da união das igrejas, corroborando o discurso de outras análises empreendidas na revista e encaminhando a história do mundo para o fim.

Silveira cita um fragmento de um artigo da revista *Seleções, Caem as barreiras religiosas* – ao que parece, de dezembro de 1964 –, para expressar o assombro com o alcance já obtido com os esforços envidados pelos católicos para a promoção da união intereclesial: “Não tem precedentes, em quase 2.000 anos de cristianismo, a profunda mudança nas relações entre protestantes e católicos, que teve lugar nos últimos cinco anos em todos os ramos da cristandade.” (SILVEIRA, 1965, p. 9).

Embora a expectativa do fim seja uma constante na história da Igreja Adventista, considera-se que a indicação precisa de quando ele se concretize não está ao alcance. Em um deslocamento do processo de significação discursiva, causa assombro nos adventistas que os avanços nas interações entre católicos e protestantes tenham sido tão significativos em um curto espaço de tempo quando comparado aos dois mil anos de história cristã.

Por mais que há muito se mostrassem sinais, na concepção profética adventista, de iminente aproximação entre as igrejas, a personalidade “imensamente cordial” de João XXIII, considera Silveira, foi o fator preponderante para o avanço das relações:

O que particularmente tocou a imaginação do mundo foi o convite por [João XXIII] feito a observadores protestantes e ortodoxos para assistirem ao concílio. O convite, aceito por representantes da maioria das principais igrejas, mostrou quão ardentemente o papa João esperava fechar o abismo que há tanto tempo separava os adeptos de Cristo. De tão grande alcance e tão revolucionária é a mudança de atitude dos membros dos três principais segmentos da fé cristã de uns para com os outros, que assombrou a maioria e escandalizou alguns cristãos. Com efeito, se um cristão que tivesse morrido antes de 1959 voltasse ao mundo hoje e testemunhasse a revolução que teve lugar, mal acreditaria nos próprios olhos. (SILVEIRA, 1965, p. 9).

Num rompimento dos processos de significação convencionais da interpretação das profecias bíblicas pela IASD; de uma hostilidade nas ações da Igreja Católica em seu plano de recuperação de sua supremacia entre os cristãos, a cordialidade papal se apresenta como método de conquista.

Trechos do artigo *Nos passos do diálogo cristão*, retirados da publicação de *O Cruzeiro* – cuja tiragem Silveira faz questão de mencionar: 500.000 exemplares –, de 16 de janeiro de 1965, são usados para expressar a dimensão dos acontecimentos:

Desde que o papa Paulo VI afirmou que o Espírito Santo assiste a todas as religiões cristãs [,] uma mesa única reúne padres de três igrejas: Católica, Presbiteriana e Episcopal. Crentes de todas elas se sentam ombro a ombro nos largos bancos de madeira e escutam a palavra de seus pastores. Esse é o espetáculo da prática do ecumenismo: uma convivência durante muito tempo tida como perigosa para a fé dos crentes. Católicos, presbiterianos e episcopais reconheceram entre si a unidade cristã de sua fé e, de pé, reverenciaram as palavras em que ela lhes era transmitida. (SILVEIRA, 1965, p. 9).

Ao término do artigo, retomando a memória discursiva adventista, Silveira (1965, p. 9) diz que “é crença hoje que a [ideia] da unidade cristã se tornou irreversível.” Não obstante, alerta que os adventistas, conhecedores por meio das Escrituras e do espírito de profecia do rumo que a união das igrejas pode tomar, devem, com todo esforço, aproveitar esse momento para fazer “um evangelismo acelerado” – não se expondo para atrair novos adeptos à IASD ou para “esclarecer” o que considera, conforme sua interpretação da história, como os “enganos” do ecumenismo (consideramos que as duas coisas) – dado que o movimento ecumênico se apresentava em fase de difusão e popularização. (SILVEIRA, 1965, p. 9).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PARA A *REVISTA ADVENTISTA*, O VATICANO II DESEJA CATOLICIZAR O MUNDO

Depreende-se que a interpretação na Igreja Adventista no Brasil da teologia ecumênica conciliar, partindo da cobertura do Vaticano II feita pela *Revista Adventista* no período de realização do concílio, se circunscreve em uma leitura de interpretação profética, rigorosamente afeita ao esquema adventista, que observa na ação católica esforços para conquistar e submeter as demais comunidades eclesiais para seus propósitos imperialistas – embora, em determinado momento, faça isso com certo ceticismo, quando diz (WALDVOGEL, 1963, p. 33) que o concílio não alcançaria tão rapidamente os resultados dele esperados.

Tal ceticismo expressa, num primeiro momento, certa cautela da publicação que prefere orientar os leitores a observar com atenção o concílio a emitir juízos alardeantes, por mais que o cenário seja de acontecimentos referente ao fim dos tempos – consoante com o entendimento profético adventista –, que transparece como sinal profético cujos desdobramentos preparam terreno para os fatos que eclodirão no fim do mundo.

A discussão em torno da unidade cristã levantada pelo concílio preocupa os adventistas. Como já aludido, a *Revista Adventista* entende que o trabalho de aproximação com outras igrejas propalado pelo Vaticano II se configura como estratégia para difundir a fé católica e minar as demais confissões que se submeterem ao diálogo. A revista expressa que há uma impossibilidade moral a qualquer tipo de aproximação entre católicos e reformados – e, por extensão, aos adventistas –, ao menos que a Igreja católica aceite, com humildade, a verdade tal qual os adventistas a compreendem através de sua particular interpretação bíblica. Portanto, a união se apresenta como inconcebível.

A instituição dos diáconos no Vaticano II também é tida pela revista como uma mostra dos esforços católicos para aumentar seu poder e alcance no mundo. O periódico critica também o Esquema 13, que culminaria na constituição pastoral *Gaudium et spes*. Para os adventistas, ao se embasar em uma filosofia humanístico-evolucionista, o texto que seria formatado no supracitado documento luta contra o plano de salvação do ser humano, substituindo a primazia da ação divina pela da civilização contemporânea.

De positivo, a *Revista Adventista* considera que a mudança de postura dos católicos referente à Bíblia tencionada pelo Vaticano II deve ser valorizada por todos os cristãos, que toda a ação empreendida no sentido de promover o acesso e a leitura às Escrituras

Sagradas deve ser apoiada, e que a ação do Espírito que conduz os homens a introduzir a Bíblia nos lares contribui para o despertar dos cristãos.

Tenciona-se, a partir desta primeira investigação da interpretação do Vaticano II pela Igreja Adventista no Brasil, outras possibilidades de pesquisas, igualmente inéditas, como o tratamento dado pela *Revista Adventista* no pós-concílio ao Vaticano II, bem como ao tema da unidade dos cristãos, em estudos comparativos com a teologia adventista – que podem ser expandidos para nível global, com a inclusão de outro objeto de pesquisa, a *Adventist World*, periódico informativo internacional da IASD, com características semelhantes à revista brasileira.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA. **Nisto cremos**: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. 9. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

BARAÚNA, Guilherme. **A Igreja do Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 1965.

BEACH, Bert B. A Igreja e o mundo. **Revista Adventista**, Santo André, ano 60, n. 7, p. 3-5, 34, jul. 1965.

BEACH, Bert B. A reforma do calendário e a Igreja católica. **Revista Adventista**, Santo André, ano 59, n. 6, p. 2-4, 6, jun. 1964.

CALVANI, Carlos Eduardo. 50 anos do Vaticano II – o impacto ecumênico e a curiosa atualização do princípio protestante em Lefebvre. **Correlatio**, São Bernardo do Campo, v. 14, n. 27, p. 111-124, jan./jun. 2015.

CHAGAS, Anísio. É chegado o tempo dos diáconos. **Revista Adventista**, Santo André, ano 60, n. 5, p. 7, 33, mai. 1965.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Gaudium et spes**: constituição pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo de hoje. 17. ed. São Paulo: Paulinas, 2013.

CONGAR, Yves. **Martin Lutero, la fede, la Riforma**: studi di teologia storica. Brécia: Morcelliana, 1984.

DE BENEDICTO, Marcos; BORGES, Michelson. Um século de história. **Revista Adventista**, Tatuí, ano 101, n. 1, p. 8-13, jan. 2006.

DUPUIS, Daniel Hammerly. Significativa declaração do Concílio Vaticano II. **Revista Adventista**, Santo André, ano 59, n. 3, p. 2-3, mar. 1964.

FURTADO, Kevin Willian Kossar. **Adventistas**: representações escatológico-sabático-dietéticas. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

KARRER, Otto et al. **Visión católica de la herencia protestante**. Madri: Ediciones Fax, 1963.

LESSA, Rubens. Começo humilde. **Revista Adventista**, Tatuí, ano 101, n. 1, p. 2, jan. 2006.

MELO, Jansen Racco Botelho de. A participação de teólogos não católicos como observadores no Concílio Vaticano II. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 50, p. 373-385, maio/ago. 2015.

MONTES, Adolfo Gonzales. **Reforma luterana y tradición católica**. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 1987.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In*: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

REDAÇÃO. Concílio Vaticano II: clima de unificação. **Revista Adventista**, Santo André, ano 58, n. 6, p. 10-11, jun. 1963.

REVISTA ADVENTISTA. **Acervo Revista Adventista**. Casa Publicadora Brasileira, 2019. Disponível em: <http://acervo.cpb.com.br/ra>. Acesso em: 26 dez. 2019.

RODRIGUES, J. E. da Costa. Será possível a união com Roma? **Revista Adventista**, Santo André, ano 60, n. 6, p. 11-13, jun. 1965.

SCHEFFEL, Rubem M. A importância da imprensa. **Revista Adventista**, Tatuí, ano 101, n. 1, p. 16-17, jan. 2006.

SILVEIRA, Ajax W. Um só rebanho e um só pastor. **Revista Adventista**, Santo André, ano 60, n. 4, p. 9, abr. 1965.

TOBLER, Gustavo G. Nova atitude em relação à Bíblia. **Revista Adventista**, Santo André, ano 59, n. 11, p. 11-12, nov. 1964.

WALDVOGEL, Luiz. Concílio Vaticano II. **Revista Adventista**, Santo André, ano 58, n. 1, p. 2-3, 33, jan. 1963.

WHITE, Ellen G. **O grande conflito**. Silver Spring: Ellen G. White Estate, 2013.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos seletos**. Silver Spring: Ellen G. White Estate, 2008. v. 2.

WICKS, Jared. **Lutero e il suo patrimonio spirituale**. Assis: Citadella Editrici, 1984.

ZAK, Ludomir. Interpretações evangélicas do Vaticano II: notas sobre uma recente publicação. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 161-180, maio/ago. 2014.

*Recebido em: 28.07.2018*

*Aprovado em: 16.06.2019*